

PIAGET: IMAGEM MENTAL E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

*por Eliane Giachetto Saravali**

MONTOYA, Adrián Oscar Dongo. **PIAGET: imagem mental e construção do conhecimento**. São Paulo: Editora Unesp, 2005. 151p.

A teoria de Piaget, sobretudo em nosso país, é alvo de grandes distorções e reducionismos que impedem uma real compreensão desta extensa obra e também, a construção de interpretações, inferências e avanços que não percam de vista as idéias originais deste grande pesquisador. Portanto, quando temos a oportunidade de ler trabalhos como o livro **PIAGET: imagem mental e construção do conhecimento**, de Adrián Oscar Dongo Montoya, podemos nos aproximar mais dos conceitos e temas piagetianos, amparados pelo conhecimento e aprofundamento de um autor que há muito se dedica à compreensão da Epistemologia Genética.

* Doutora em Educação pela Unicamp. Professora do Departamento de Psicologia da Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – Campus de Marília, São Paulo. E-mail: eliane.saravali@marilia.unesp.br

Nesse livro, Montoya tem por objetivo explicar a relação entre imagem mental e construção do conhecimento na perspectiva construtivista, acompanhando a evolução que o conceito de imagem mental sofre nas pesquisas de Piaget. Assim, o texto aponta as relações recíprocas entre as primeiras formas de conceitos ou pré-conceitos e a imagem mental. Problematizando as relações entre imagem mental e pensamento, o autor mostra a importância dos aspectos figurativos, além dos operativos, como instrumentos importantes na formação e desenvolvimento do pensamento, ou em suas próprias palavras:

[...] observa-se que a solidariedade entre a imagem e o pensamento ocorre como uma interação, mas reconhecendo-se essa colaboração como condição de um processo de significação no qual a imagem é um significante simbólico e os esquemas mentais e conceitos são aqueles que outorgam as significações (p. 119).

Os conceitos mais elaborados e abstratos têm sua origem nos esquemas formados na inteligência sensório-motora e a imagem mental, por sua vez, tem sua origem na interiorização dos processos imitativos, que também ocorrem durante o período sensório-motor. Dessa forma, os esquemas da inteligência sensório-motora precedem os esquemas verbais, que por sua vez precedem os esquemas conceptuais.

Montoya nos mostra que, de acordo com o referencial piagetiano, a imitação não é hereditária, mas denuncia a existência de coordenações inteligentes, tanto na aprendizagem dos meios que emprega como em seus próprios fins. Portanto, inicialmente essa imitação “[...] manifesta-se, pois, como um simples prolongamento dos movimentos de acomodação, na medida em que estes fazem parte de uma reação circular já constituída ou de uma atividade assimiladora global” (p. 24). Nesse sentido, a imitação é inicialmente sensório-motora e anterior à imitação diferida, que por sua vez, precede a imitação representativa. É somente na sexta fase do período sensório-motor que a imagem mental constitui-se, permitindo a combinação mental e não somente as combinações ligadas diretamente à ação e percepção

dos objetos no presente (aqui e agora). Dessa forma, o texto de Montoya aborda como a constituição da imagem mental obedece às leis dos esquemas sensório-motores presentes nas formas de atividades perceptivas, caracterizadas como imitação interior.

Antes do período operatório concreto, a relação entre a imagem e o conceito ainda é superficial e está muito ligada ao mundo perceptível da criança; há uma dificuldade para a ordenação coerente e causal de seqüências de imagens devido à irreversibilidade do pensamento. Portanto, inicialmente, a imagem mental tem um caráter estático. Para Montoya, tal fato relaciona-se com a “reprodução dos caracteres particulares dos objetos, das situações e dos acontecimentos vividos, contrariamente ao caráter geral e abstrato dos conceitos e noções” (p. 12). Posteriormente, o autor explica como Piaget abordou a relação entre a imagem mental e as operações intelectuais:

[...] a imagem mental não é fonte nem fator que contribui diretamente na preparação da operação e do conceito. Entretanto, apesar desses limites, a imagem é essencial enquanto função simbólica que reporta às particularidades dos objetos ausentes, nos seus estados e configurações. Sem ela, nem o nascimento nem o acabamento da representação conceptual ou da inteligência representativa seriam possíveis. Além disso, observamos que a imagem, em sua atividade de reprodução e de antecipação dos movimentos e das transformações, cumpriria um papel funcional para estimular e exigir indiretamente a coordenação dos próprios esquemas conceptuais ou operatórios (p.65).

Um outro aspecto também abordado na obra é a relação entre a imagem mental e a construção do real na criança, apontando para as relações entre a construção do objeto, espaço, causalidade e tempo, tanto no nível da ação como no plano do pensamento.

Encerrando a obra, Montoya faz considerações sobre uma pesquisa desenvolvida junto a crianças marginalizadas, portadoras daquilo que denominou como “déficit cognitivo”. O sentido atribuído a este termo pode ser encontrado em outros trabalhos do autor e, com

denominações diferentes, em trabalhos de outros pesquisadores interessados, sobretudo, em encontrar explicações e alternativas para situações nas quais a aprendizagem não ocorre. A perspectiva piagetiana interacionista e construtivista assumida aqui indica que as crianças com dificuldades de aprendizagem ou apresentando “déficit cognitivo” tiveram suas oportunidades de interação com o meio e de organização do real prejudicadas. Dessa forma, as lacunas do desenvolvimento que impedem que a aprendizagem ocorra de forma satisfatória iniciam-se, muitas vezes, no momento em que as experiências práticas do sensório-motor precisam ser reorganizadas ou “re-apresentadas” no período da representação ou pré-operatório. Os sujeitos investigados por Montoya tinham uma organização do pensamento e das relações espaciais, temporais e causais somente no nível da ação; como ele explica: “do ponto de vista da representação imagética, evidenciamos evocações muito primárias, as quais eram desorganizadas e deformavam [...] as situações e acontecimentos vividos” (p. 128).

Durante a pesquisa que o autor desenvolveu, foram realizadas inúmeras sessões de intervenção, no sentido de permitir a reorganização desses conceitos no nível representacional. As intervenções consistiram em: 1) Exercício da expressividade espontânea; 2) Exercício de narrativas mais complexas e mais sistemáticas; 3) Pesquisas, registros, evocações acerca de temas que interessavam e envolviam os sujeitos. Os resultados obtidos apontaram para uma evolução na organização espaço-temporal-causal do pensamento, favorecendo a mudança no discurso, que passou a ser mais coerente, propiciando a expressão do pensamento como organização representativa do real. Esse trabalho indica a importância das solicitações realizadas pelo adulto em prol do desenvolvimento infantil.

Nesse sentido, o texto de Montoya não é somente recomendado a teóricos ou interessados na obra piagetiana e no conceito de imagem mental, mas também a pedagogos e psicopedagogos e demais profissionais ansiosos por conhecer formas de ação que promovam, desafiem e solicitem o desenvolvimento de nossas crianças.